ESPECIAL

“Percebi que há certas realidades que só a ficção suporta”

Premiada jornalista Eliane Brum estreia na ficção retratando conturbado relacionamento entre mãe e filha

❖ Fernando de Oliveira
Repórter
fernando@diarioregionalrs.com.br

Depois de esmiuçar a vida real em suas multipremiadas reportagens, a jornalista gaúcha Eliane Brum decidiu realizar um sonho de infância: escrever um romance de ficção. Então, numa certa noite, começou a escrever a história da relação de amor e ódio entre a jornalista Laura e sua mãe, que acaba de chegar as livrarias em *Uma Duas*, livro lançado pela editora Leya Brasil que marca sua estreia na ficção.

“Depois de mais de 20 anos contando histórias reais, senti necessidade de ter uma outra voz. Percebi que há certas realidades que só a ficção suporta”, afirma a autora de *A Vida que Ninguém Vê* e *O Olho da Rua*, que atualmente é colunista do site da Revista Época e cronista do site Vida Breve. Para falar sobre *Uma Duas*, Eliane Brum concedeu a seguinte entrevista exclusiva ao **Diário**.

Diário Regional – Em seu romance de estreia, a personagem Laura, que também é jornalista, seria seu alter ego?

Eliane Brum - Não. Temos algumas coisas em comum, como o fato de sermos jornalistas e o gosto por alguns escritores, mas somos também muito diferentes. Às vezes eu realmente a detestava quando estava escrevendo o livro. Em outras, ela me enternecia. Em outras ainda, me afligia.

DR - O que lhe inspirou a escrever essa história intensa?

Eliane - Depois de mais de 20 anos contando histórias reais, senti necessidade de ter uma outra voz. Percebi que há certas realidades que só a ficção suporta. E esta percepção se transformou em incômodo e depois em insônia. Escrevi porque precisava, por necessidade interna. Mas primeiro veio a perturbação. E uma noite veio a história. Alguém disse, não lembro quem, que escrever ficção é como pescar no lago interior do nosso inconsciente. Mas para mim não foi um lago, mas um oceano escuro. Tentei pescar e fui arrastada para o fundo por um daqueles monstros de muitas cabeças que os marinheiros acreditavam existir no passado. Ainda estou emergindo.

DR - Por que você identificou cada uma das três vozes narrativas do livro com diferentes fontes de letra? Foi apenas algo estilístico?

Eliane - Não tem nada a ver com estilo, não, nem mesmo foi planejado. Eu já escrevi originalmente com fontes diferentes. Se eu não mudasse a fonte, as narradoras se recusavam a falar. Foi uma necessidade, não algo racional. Depois, percebi que este romance era também sobre o corpo, a questão do corpo era muito forte: como uma filha se arranca do corpo da mãe, como uma mãe larga o corpo da filha? Então, a palavra também precisava de um corpo concreto, um corpo no papel. Tinha de ser uma palavra encarnada – e o corpo dos narradores era diferente, logo a fonte não poderia ser a mesma. Mas esta racionalização veio depois, tentando entender por que cada narradora só falava se tivesse um corpo diferente de letra.

Fotos: Lilo Clareto

Reprodução

Jornalista já planeja escrever uma nova história de ficção

> Quando eu comecei a escrever ficção estava em busca de uma voz que desse conta de aspectos da vida que não conseguia alcançar pela reportagem

DR - Seu livro não deixa de ser uma reflexão sobre a falência das relações humanas, motivadas principalmente por um mundo cada vez mais materialista. A propósito disso, você vê o futuro da humanidade com desesperança?

Eliane - Não. Eu acredito no poder da narrativa para manter a vida. Isso faz todo o sentido para mim, talvez seja só o que faça sentido. Não poderia viver sem esperança, mas boa parte da minha esperança está na palavra. Por isso me tornei uma contadora de histórias – primeiro reais e, agora, também ficcionais. Quanto ao meu romance, não o vejo assim. Acho que ele tem conflito, desespero e impossibilidade, mas também tem redenção, amor e compaixão. As relações humanas contêm tudo isso, especialmente se são verdadeiramente próximas. Mas cada leitor é também um escritor. E meu livro continuará sendo escrito por cada um. Neste sentido, cada um fará com o que escrevi seu próprio romance.

DR - Por que você estreou somente agora na literatura, pois suas reportagens sempre foram construídas com elementos do jornalismo literário?

Eliane - Eu sou identificada com o jornalismo literário por outras pessoas, o que me honra, porque sei que é o reconhecimento de um jornalismo menos redutor. Mas eu mesma não gosto dos jargões. Para mim, só existe jornalismo, sem adjetivos. E o bom jornalismo é aquele que compreende que a realidade é muito mais complexa do que apenas o que é dito – envolve o não dito, o silêncio, os gestos, os cheiros, as texturas, as cores, os sons que não são palavras etc. Uma série de detalhes que precisam ser muito bem apurados, checados e rechecados, porque não há licença para inventar na reportagem. A isso, alguns chamam de jornalismo literário. Eu chamo de bom jornalismo, que é aquele que se mantém no território do contraditório, porque sabe que a vida não é preta ou branca, mas cinza.

Dito isso, só me arrisquei na ficção agora, apesar

Especial

de ser um sonho de criança, porque só recentemente me senti pronta para tentar. Me senti pronta porque não tinha mais a opção de escrever ou não ficção. Eu precisava escrever para dar conta de um incômodo interno. E acredito nisso, que a escrita venha de uma necessidade muito profunda, que se impõe. E que nos arranca um pedaço quando finalmente decidimos encará-la. É como olhar o diabo no olho.

DR - Como foi a experiência de escrever uma ficção? Quais técnicas você utilizou?

Eliane - Eu sempre fui intuitiva na escrita. Nunca pensei em técnicas. Acredito que, na ficção, a página (ou a tela) em branco está dentro de nós, mas é como o bloco de pedra bruta diante de um escultor. A forma já está lá, mas precisamos descobrir como alcançá-la. Foi uma experiência assustadora em muitos sentidos, bem mais brutal do que prazerosa. Como uma possessão do nosso próprio corpo. Descobri isso, que a possessão do corpo por nós mesmos é mais assustadora do que qualquer possessão que venha de fora. E a ficção exige essa possessão.

A experiência me tomou por completo e, enquanto durou, eu sentia que estava presa a essa escrita. Fazia as coisas do meu cotidiano, mas não estava lá. Só consegui sentir prazer quando terminei o romance, e as pessoas começaram a ler. Só então me dei conta que existia um mundo que só estava ali porque eu o havia criado. Essa sensação é muito fascinante. Mas até chegar a ela foi um processo bem doloroso, de uma quase morte. Pelo menos foi assim para mim.

DR - Com relação ao jornalismo, você está envolvida em algum novo trabalho?

Eliane - Acabei de fazer uma reportagem para um livro internacional em comemoração aos 40 anos da organização Médicos Sem Fronteiras. São dez escritores de diferentes países do mundo, entre eles o Mario Vargas Llosa. Cada escritor acompanhou um projeto diferente da organização, que faz um trabalho muito sério e importante. A MSF muitas vezes é a única a alcançar os lugares mais pobres e com conflitos esquecidos do mundo. Eu fui para a Bolívia escrever sobre o Mal de Chagas, já que a Bolívia é uma das regiões de maior prevalência da doença no mundo. E foi uma experiência impressionante. E também dificílima em nível pessoal. Vou para a Itália lançar o livro em setembro. E a ideia é que ele seja traduzido para várias línguas e publicado no mundo inteiro. Agora, estou me preparando para fazer uma grande reportagem aqui no Brasil no segundo semestre.

Reprodução

Eliane recebe do rei Juan Carlos um dos muitos prêmios de sua carreira

> Eu coloco a reportagem e a literatura de ficção no mesmo patamar. Ambos são diferentes e igualmente importantes

DR - O jornalismo é mais importante do que a literatura?

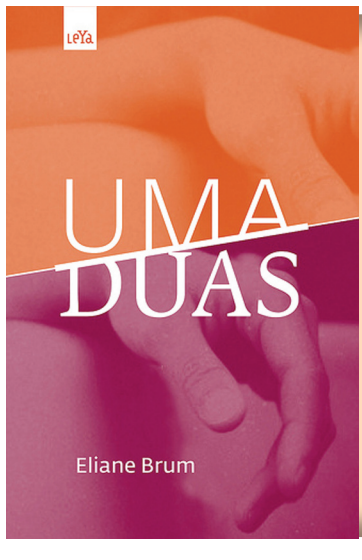
Eliane - Eu coloco a reportagem e a literatura de ficção no mesmo patamar. Ambos são diferentes e igualmente importantes. Não me tornei repórter para um dia chegar à ficção, como se a ficção fosse um degrau superior. Tenho a reportagem em alta conta e vou ser repórter até morrer. São jeitos diferentes de contar histórias, apenas. E nos exigem coragens diferentes. Assim como o cinema de documentário, que também é um território narrativo onde me arrisco de tempos em tempos.

DR - Você Já disse que "há realidades que só a ficção suporta". Quais realidades seriam estas e por que podem ser descritas somente através dos elementos da ficção?

Eliane - Quando eu comecei a escrever ficção estava em busca de uma voz que desse conta de aspectos da vida que não conseguia alcançar pela reportagem. Como os pesadelos do nosso inconsciente, a matéria dos nossos sonhos, aquilo que nos escapa. Uma subjetividade que a palavra só aceita como ficção. Ao final deste processo labiríntico que é a escrita de um romance, descobri que tinha alcançado algumas profundezas de mim pela palavra, mas aquela parte do oceano inconsciente onde vivem aqueles peixes cegos e esquisitos que a gente vê nos documentários da National Geographic não viraria palavra, e seguiria me ferindo. O real é, como sabemos, inalcançável. O que é bom, porque senão pararíamos de contar histórias. Vou seguir tentando alcançar o fundo do mar, apenas para descobrir que não há fundo.

DR - Já está a caminho um segundo livro de ficção?

Eliane - Eu já tenho a história, mas não sei quando vou ser capaz de escrevê-la. Ainda preciso me recuperar deste romance. Estou lidando com as sequelas do processo todo. E preciso passar um tempo no vazio. O vazio é angustiante, mas necessário. Agora é hora de ficar um pouco perdida. A maioria das pessoas tem medo de se perder, mas o mais apavorante é se achar.



Livro: *Uma Duas*, de Eliane Brum; Ed. Leya Brasil; 176 páginas.

Preço: R$ 34,90.

Onde comprar: Cafeteria e Livraria Iluminura, Rua Borges de Medeiros, 471, Centro, em Santa Cruz do Sul. Fone: 51-3056.2871.